
A FANTASIA NO CONTO CLARICEANO RESTOS DO CARNAVAL

THE FANTASY IN THE TALE CLARICEANO RESTOS DO CARNAVAL

Juliana Andrade de Moraes (FAPESB/UNEB)¹

RESUMO: Trata-se de uma análise biográfica e da crítica cultural do conto *Restos do Carnaval*, contido na obra clariceana *Felicidade Clandestina* (1998). Objetivamos discutir como as questões da identidade de gênero e da alteridade perpassam a ficção de Clarice Lispector e sua biografia. Desta forma, selecionamos o conto analisado. Com isso, identificamos questões de gênero e da alteridade que estão presentes na narrativa.

Palavras-Chave: Fantasia. Clarice Lispector. Gênero. Crítica biográfica. Crítica Cultural.

ABSTRACT: This project intends to present a biographical analysis as well a cultural criticism of the short-story *Restos do Carnaval* (*Carnival Remains*) which is in the work *Felicidade Clandestina* (1998) by Clarice Lispector. We aim to discuss how the matters of gender identity and alterity are dealt through the fiction and biography of Clarice Lispector. Therefore, we have selected the short-story mentioned above. In this way, we were able to identify issues about gender and alterity both present in the narrative.

Keywords: Fantasy. Clarice Lispector. Gender. Biography Critical. Cultural Critical.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em 1971, Clarice Lispector publica *Felicidade Clandestina*, volume que traz, entre outros contos já apresentados no *Jornal do Brasil*, os que rememoram sua infância em Recife: as sempre adiadas leituras do livro *Reinações de Narizinho* (“*Felicidade Clandestina*”); o roubo das rosas e pitangas, perto da Igreja Metodista no Bairro da Boa Vista (“*Cem Anos de Perdão*”); a menina dividida entre a tristeza diante da morte da mãe e o prazer que

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural- Universidade do Estado da Bahia/Campus II- Alagoinhas. Pesquisadora/Bolsista- FAPESB. E-mail: ju.moraes23@hotmail.com

experimentava fantasiada de rosa, quando se descobre mulher diante de um menino (“Restos do Carnaval”).

No conto “Restos do Carnaval” a situação retratada é de uma narradora que recorda sua infância em Recife, colocando como ponto forte o seu desejo de aproveitar o carnaval Recifense. A menina tinha muita vontade de aproveitar o carnaval, porém o foco maior da família era a doença da mãe. Ela nunca tinha ido a um baile infantil, entretanto deixavam-na ficar até onze horas da noite à porta do pé da escada do sobrado onde a família morava. Passava todo o carnaval economizando com avareza o lança-perfume e um saco de confetes que ganhava.

A garota tinha medo das máscaras, contudo era um medo vital e necessário, pois ela suspeitava que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara. À porta do pé da escada, se um mascarado falasse com ela, de súbito a menina entrava em contato com seu mundo interior, que não era feito só de duendes e príncipes encantados, mas de pessoas com seu mistério. Todavia, houve um carnaval diferente dos outros. A mãe de uma amiga dela confeccionou uma fantasia de *rosa* com os restos das folhas de papel crepom cor-de-rosa, com as quais tinha produzido uma fantasia para a filha. Os cabelos da menina, que vivia a excitação do carnaval, estariam enrolados e sua maquiagem seria com batom e ruge.

A partir de então, ela vivenciou a expectativa de fantasiar-se; até mesmo engoliu com alguma dor o orgulho e aceitou humildemente que sua fantasia tivesse sido produzida com restos da fantasia de sua amiga. Entretanto, o inesperado ocorreu e a mãe da menina piorou subitamente de saúde. Coube, então, a garota com os cabelos já enrolados, mas sem batom nem ruge ir à farmácia depressa comprar remédio para a mãe doente. Foi correndo vestida de *rosa* – mas o rosto ainda nu não tinha a máscara de moça que cobriria a sua vida infantil. Mais tarde, quando a atmosfera da casa acalmou-se, a menina preparou-se para ir ao carnaval. Todavia, sentia-se desencantada, pois não era mais uma rosa, mas uma simples menina. No meio da alegria do carnaval o remorso também existia, porque ela lembrava-se do estado grave da mãe.

Com base nas informações sobre a biografia de Clarice Lispector, segundo Gotlib (2009) e Moser (2009) percebe-se que ela viveu durante 10 anos em Recife, passando parte de sua infância nesta capital. Como afirma Gotlib (2009, p.78), "o núcleo familiar constituirá um eixo fundamental em torno do qual serão construídos os textos de Clarice Lispector". É o que se encontra em *Restos do Carnaval*. Nesse conto, a escritora narra um determinado acontecimento de seus oito anos, descrevendo o que sentiu na ocasião e o que ficou registrado em sua memória, tomando como ponto de partida seu eixo familiar e os acontecimentos que o circundavam. Também deixa transparecer um pouco de sua personalidade quando criança. A figura da mãe doente é muito forte para a menina que ansiava aproveitar o momento carnavalesco, demonstrando assim um misto de alegria e remorso. A alegria é caracterizada pela possibilidade de ir ao carnaval e o remorso é por estar sentindo-se alegre mesmo com a mãe enferma.

2. A FANTASIA QUE PERMEIA A INFÂNCIA DE CLARICE

Houaiss e Villar (2001) nos aponta que o termo fantasia etimologicamente oriunda-se do latim *phantasia*, como uma ideia, concepção. Do grego *phantasia*, faculdade de imaginar, de criar pela imaginação. Ou até mesmo, vestimenta que reproduz o modelo de vestes de culturas ou épocas diversas, ou que representa objetos, ideias, figuras históricas, imaginárias, etc., usado em certos rituais e festividades, especialmente no carnaval. Portanto, o fantasiar pode ser utilizado como um recurso cuja finalidade é facilitar a discriminação de "padrões de comportamento das personagens da história que podem fazer parte do repertório de comportamentos das crianças e de seus familiares". É possível identificar as contingências em vigor, a formação de conceitos dos personagens a respeito de si e das situações nas quais estão envolvidos e as regras que, provavelmente, estão no controle dos comportamentos.

Sendo assim, no conto em estudo *fantasia* pode ser entendida sob vertentes diversas: uma concreta- a fantasia de pétalas de rosa com a qual a menina aproveitou o baile carnavalesco, e por uma vertente abstrata, que sinaliza a fantasia, o desejo da menina de realmente poder aproveitar o carnaval, mesmo diante da preocupação da família com a

doença da mãe e, sobretudo no único carnaval que a garota usou fantasia, pôde finalmente *sentir-se outra que não ela mesma*. Podem-se observar estas características no conto em análise: “Nunca tinha ido a um baile infantil, nunca me haviam fantasiado.” “Não me fantasiavam: no meio das preocupações com minha mãe doente, ninguém em casa tinha cabeça para carnaval de criança.” (LISPECTOR, 1971, p.26).

A fantasia no conto clariceano, por poder ser interpretada a partir de aspectos diferentes, desta forma nos remete a pensar em o universo da fantasia, não simplesmente como a fantasia, somente vestimenta, com a qual a garota sonha, como aponta a citação abaixo, mas também como desejos interiores de um ser humano, uma menina-mulher, que ansiava divertir-se no carnaval e viver, mormente, a fantasia de ser outra que não ela mesma, de poder, assim, assumir outra identidade.

(...) Mas houve um carnaval diferente dos outros. Tão milagroso que eu não conseguia acreditar que tanto me fosse dado, eu, que já aprendera a pedir pouco. É que a mãe de uma amiga minha resolvera fantasiar a filha e o nome da fantasia era no figurino *Rosa*. (LISPECTOR, 1988, p.26).

É pertinente ressaltar que, no presente artigo o ponto nodal da fantasia partir-se-á da ideia de “sentir-se outra que não ela mesma”, tomando como aspecto pertinente para se discutir as questões de gênero que estão presentes no âmbito familiar da personagem principal, em nossa sociedade e se insere na própria fantasia de a menina assumir outra identidade. Com isso, unimos às características narradas no decorrer do conto com as trazidas pela crítica biográfica para, por meio desta, demonstrar uma possível relação da personagem clariceana com a vida da escritora do conto em estudo.

Para Lícia Manzo (2001) Lispector não escrevia, ela se escrevia - e ao lutar com a distância que a separava das palavras, embatia-se com a distância que a separava de si mesma. Clarice Lispector era uma tímida ousada, como costumava dizer - e sua ousadia a fez escrever sobre mulheres “engessadas” em papéis de mãe, esposa, dona-de-casa, enquanto procuravam ocultar a chama selvagem que ardia em seus corações de criadoras. Mulheres

que ansiavam por liberdade, por expressão, por um espaço para si, para além dos filhos, maridos e obrigações domésticas.

No que concerne à estrutura da narrativa temos um eixo familiar que é composto por personagens femininas. As filhas assumem as obrigações com o lar, porquanto a mãe não pode tê-las por causa de encontrar-se enferma. Assim, elas vivenciavam já na infância os papéis atribuídos para o sujeito feminino.

Encontra-se também, neste enredo, o menino que flerta com a narradora-personagem, destacando o momento em que ela sente-se uma mulherzinha de 8 anos, finalmente uma *rosa*. Desta forma, observamos como é comum nas obras de Clarice Lispector, a descrição dos ambientes, das personagens e o enredo. Mas tudo perde a importância para a revelação profunda das personagens, que neste caso específico nos mostra que a epifania da personagem dar-se-á no momento do encontro com o menino que a paquera.

Retomando a fantasia que permeia o conto *Restos do Carnaval*, inferimos que esta fantasia perpassa pelo âmbito da menina que sonhava em se tornar mulher, através da fantasia de rosa que ela vestira no carnaval recifense. Ela poderia enfim, brincar o carnaval, e brincar com sua própria identidade, utilizando-se, para isso da fantasia de ser uma outra pessoa. “Naquele carnaval, pois, pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma”. (LISPECTOR, 1988, p.27).

Segundo as ideias do crítico cultural Kobena Mercer, (1990) "a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza". Assim sendo, a personagem principal da narrativa de *Restos do Carnaval*, em meio aos acontecimentos com sua mãe doente, na efervescência do carnaval, coloca em questionamento sua identidade, no instante em que desejava ardentemente, nem que fosse somente no momento da festa carnavalesca, sentir-se outra, sair do universo infantil e “desfilar” pelo imaginário adulto, experimentando, desta forma, uma outra identidade.

No meio do cenário estabelecido, acontecia um paradoxo, a mãe da garotinha doente e ela querendo aproveitar o carnaval que acontecia nas ruas e praças do Recife. O

foco principal naquele momento não era a menina e sim a sua mãe. A sua vontade de sentir-se outra poderia ser inferida, também, pelo desejo que tinha de que nada daquilo estivesse acontecendo e ela pudesse, enfim, aproveitar a folia carnavalesca.

Não me fantasiavam: no meio das preocupações com minha mãe doente, ninguém em casa tinha cabeça para carnaval de criança. Mas eu pedia a uma das minhas irmãs para enrolar aqueles meus cabelos lisos que me causavam tanto desgosto e tinha então a vaidade de possuir cabelos frisados pelo menos durante três dias por ano. (LISPECTOR, 1998, p.26).

A participação da garota na família, naquele episódio em especial, resumia-se, até certo ponto, com a preocupação com a saúde da mãe, como ocorria com os outros familiares. Sendo assim, a sua fantasia de, pela primeira vez, participar efetivamente do carnaval, era, aos poucos, deixada de lado.

(...) o jogo de dados de um destino é irracional? É impiedoso. (...) minha mãe de súbito piorou muito de saúde, um alvoroço repentino se criou em casa e mandaram-me comprar depressa um remédio na farmácia. (...) Na minha fome de sentir êxtase, às vezes começava a ficar alegre, mas com remorso lembrava-me do estado grave de minha mãe e de novo eu morria. (LISPECTOR, 1988, p, 28).

Para Iannace (2001, p. 52), na narrativa de *Restos do Carnaval*, no fundo, é como se a transitoriedade da infância para a fase adulta se fizesse estampada na fazenda cor – de – rosa, a mesma que implementada, lhe ornamentaria o corpo. Neste contexto, a escritora Clarice Lispector rememora um particular episódio da infância em Recife realizado em uma ocasião festiva: o carnaval de Recife. Sendo assim, infere-se, a partir da leitura, que o conto em estudo pode ser considerado como autobiográfico.

A fantasia, aqui no presente artigo, também é tomada sob o sentido de Clarice Lispector ter a fantasia de curar a doença da mãe a partir do seu nascimento, essa fantasia circundava toda a família e até mesmo, podemos induzir, no que se refere ao significado do nome de Clarice, que se chamava Haia, antes de embarcar para o Brasil. Haia significa vida, e

sugere-se, através das leituras biográficas, que existia uma fantasia de Clarice, por meio do seu nascimento, dar a “vida” de volta a dona Marieta (Mânia ou Marian), sua mãe. Porquanto, na Ucrânia, ocorria um mito que quando uma mulher estivesse doente e desse a luz a uma criança ela ficaria curada.

Segundo Moser (2009), a mãe de Clarice havia contraído sífilis durante a II Grande Guerra Mundial ao ser estuprada por soldados. A partir de então, vivia a definhar-se com a doença.

Todas as tardes Marim (Mânia) vem sentar-se à varanda do velho sobrado da rua da Imperatriz, vestido de linho engomado, os cabelos negros e lisos penteados, os braços inúteis cruzados sobre o busto. Depois que toma tento do que vai lá embaixo, reparando numa ou noutra pessoa que passa, inclina a cabeça de lado, os olhos contos azuis ligeiramente amortecidos, e fica olhando com o ar distante, entristecido.²

Consoante Nolasco (2004, p.18), a escrita do conto “Restos do Carnaval” (*grifo meu*), nos leva a deduzir que a escritora adulta, retoma o cotidiano daquela menina alegre, aquela infância cortada por um carnaval tão melancólico. O referido autor (2004, p.22), nos diz, ainda, que como forma de não morrer, Clarice se ver como personagem de si mesma e, ficcionaliza a morte, até nos últimos *restos de vida*. A amiga Olga Borelli, fala da característica de Clarice Lispector se ver como personagem de si mesma:

Não é fácil ser amiga de pessoas muito centradas em si mesmas. Clarice era deste tipo e, portanto, exigia e absorvia bastante todas as pessoas de quem gostava. Tinha grande dificuldade para dormir e inúmeras madrugadas telefonava-me para se dizer angustiada e tensa. Acho que jamais esquecerei uma época em que fui para Salvador dar um curso. Uma noite, ao chegar no hotel, recebi recado para lhe telefonar com a maior urgência. Sua voz ao telefone estava estranha: “Olga, estou tão aflita. Numa angústia enorme. Não sei o que pode acontecer comigo. Volte o mais breve que você puder.” Cancelei tudo e vim encontrá-la no dia seguinte na hora do almoço rindo, bem disposta. Sabe o que me disse? Que eu a levava muito a sério e que tinha apenas me precipitado ao voltar. É claro, fiquei chateadíssima, mas aprendi muito com a história. (BORELLI, *apud*, GOTLIB, 1995).

² LISPECTOR, Elisa, *No Exílio* (1971). In: MOSER, Benjamin. Clarice, (2009).

No conto “Restos do Carnaval”, observa-se uma autora que liga a sua vida ao conto, ressaltando a cidade de Recife, que ela considerava como sendo sua cidade natal. O ambiente cultural de Recife, juntamente com as personagens expostas na narrativa, compõe um cenário subjetivo que coloca em evidência particularidades da escritora Clarice Lispector.

Para adentrar na discussão sobre alteridade, detenho-me às palavras de Simone de Beauvoir (1970) que ressalta que a categoria existencial do outro, converte-se também na categoria constitutiva da consciência: a consciência humana fundamenta-se no outro. Assim sendo, infere-se, a partir do trecho abaixo, que a menina tornou-se outra que não ela mesma ou tomou consciência que de fato poderia sentir-se outra a partir do momento que foi flertada pelo rapazinho, ou seja, a partir da relação com o outro ela notou-se como uma “mulherzinha de oito anos”.

Só horas depois é que veio a salvação. E se depressa agarrei-me a ela é porque tanto precisava me salvar. Um menino de uns 12 anos, o que para mim significava um rapaz, esse menino muito bonito parou diante de mim e, numa mistura de carinho, grossura, brincadeira e sensualidade, cobriu meus cabelos já lisos de confete: por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, mulherzinha de 8 anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa. (LISPECTOR, 1988, p. 28)

É a partir da relação com o outro, a identificação com as maneiras de se ter afeto, com o identificar-se com o outro que podemos traçar um processo de alteridade. É tomando consciência da forma como o outro se expressa, como este outro age sustentando valores e formas que perpassamos pelo campo da alteridade e da identidade, das marcas psicológicas, sociais e culturais que se complementam.

Consoante às palavras de Hall (2006), a questão da identidade é vista a partir de três concepções: 1) sujeito do Iluminismo, 2) sujeito sociológico e 3) sujeito pós-moderno. Tomamos como reflexão relacionada ao conto *Restos do Carnaval* a noção de sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A

identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito, desta forma, assume identidades diferentes em situações diferentes de vida. É possível que o sujeito possua diversas identidades e estas sejam assumidas conforme o momento. Há identidades contraditórias dentro de nós que, são conduzidas em diferentes direções, de forma que nossas identificações sempre estão sendo deslocadas.

Corroborando com as ideias de Hall, dialogamos com Bhabha (1998) que também considera que, a identidade nunca deve ser vista como um produto pronto e acabado e sim como um processo duradouro com diversos problemas, no que tange ao acesso a uma imagem da totalidade.

Por esta razão, saliento que a personagem central da narrativa do conto *Restos do Carnaval*, tem a sensação de “sentir-se outra que não ela mesma” quando, no momento carnavalesco, um menino de doze anos acaba flertando com ela. A partir desse momento narrativo ela sente-se uma “mulherzinha de oito anos”. Induzimos, através da leitura do conto, que, dentro do lar, ela poderia até sentir-se uma menina com seu aspecto infantil, mesmo já mais amadurecida pelos problemas que vivenciava no lar por causa da doença da mãe.

Entretanto, ao sair para aproveitar as fantasias que o carnaval poderia oferecer-lhe queria, de fato, adentrar nesta fantasia e fazer uso de uma máscara, de uma outra identidade, (não tendo, desta maneira, uma identidade fixa), que a possibilitaria sentir novas sensações, não vivenciadas anteriormente.

No tocante à questão de gênero relacionado às fantasias, a partir da leitura do conto *Restos do Carnaval*, nota-se que o eixo familiar é composto por mulheres: a menina que tinha o anseio de aproveitar o carnaval, a mãe doente e a irmã da garota, que por conta da doença da mãe toma sob sua responsabilidade as tarefas domésticas. Ademais, visualiza-se na narrativa, a amiga da menina que deseja vivenciar o momento carnavalesco e a mãe desta amiga, que por generosidade, faz uma fantasia para a menina.

Foi quando aconteceu, por simples acaso, o inesperado: sobrou papel crepom, e muito. E a mãe de minha amiga- talvez atendendo a meu apelo mudo, ao meu mudo desespero de inveja, ou talvez por pura bondade, já que sobrara papel- resolveu fazer para mim também uma fantasia de *rosa* com o que restara de material. (LISPECTOR, 1988, p. 27).

Consoante às ideias da autora Joan Scott (1989) existia uma dificuldade para se empregar a palavra gênero. Ela aponta que no seu uso mais simples “gênero” é sinônimo de “mulheres”. Scott acrescenta que “gênero” é uma categoria imposta sobre um corpo sexuado. O uso do “gênero” coloca a ênfase sob todo o sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade.

Neste tocante, abordamos a análise da representação da mulher a partir das personagens clariceanas. Como estas mulheres, criadas pela escritora Clarice Lispector, retratam papéis, por vezes, subalternos, oprimidos e subjugados. Assim como ocorre no conto *Restos do Carnaval*, sendo que todo o eixo feminino da família está voltado para a preocupação com a mãe doente, que é um fato comum diante de um parente enfermo, o que torna esse contexto diferenciado é a história apresentar a vontade de uma garotinha de aproveitar a folia carnavalesca. Compreendemos, aqui, que a opressão desta menina se dava no campo psicológico, uma vez que existia o sofrimento pela situação vivenciada no seio familiar. Podemos imaginar que na sua ingenuidade, a menina apenas queria ser outra, mas ao mesmo tempo podemos também imaginar a possibilidade da desconfiança, ainda que imperceptível nesta ingenuidade, de ser necessário fantasiar-se de outra mulher, uma mulherzinha que se sentisse mulher, que amasse, mas que não fosse obrigada a sentir um peso, desde menina. Um peso, aqui queremos incluir, da violência sexual. Não nos esqueçamos que a mãe da autora fora estuprada durante a II Guerra mundial, fora vista como objeto sexual, máscara que ainda hoje é fixada para mulheres.

Scott salienta, ademais, que para inscrever as mulheres na história, faz-se necessário incluir tanto as experiências pessoais e subjetivas quanto as atividades públicas e políticas. Neste aspecto, relacionamos às ideias expostas com a perspectiva da crítica

cultural, porquanto a crítica cultural é o espaço para se refletir sobre os modos de vida, como podemos analisar o mundo e como podemos, sobretudo, contribuir para modificá-lo. Convergindo neste mesmo campo ideário, trazemos para a discussão Simone de Beauvoir (1970), que nos aponta que as mulheres existem como outro, ela foi a primeira a criticar a hierarquização e fixação das assimetrias dos gêneros. Ou seja, nos levando a questionar por que é tão comum, ainda hoje, uma mulher ser estuprada, por que certas identidades foram fixadas-naturalizadas com tamanho peso-desigualdade para as mulheres. Ela diz ainda que a identidade de gênero não designa um ser substancial, mas sim uma dimensão cultural e histórica.

Em se tratando das discussões sobre gênero que circundam, parte da obra da escritora Clarice Lispector, faz-se necessário, refletir (ainda mais) sobre o campo de atuação da Crítica Cultural. A crítica cultural preocupa-se com questões que possam manter um diálogo (inter) e multidisciplinar com os modos de vida que constroem uma sociedade. Pensar em Crítica Cultural é pensar, sobretudo, em uma maquinaria revolucionária que possibilite às ações afirmativas serem cada vez mais atuantes em uma sociedade (ainda) carente delas.

No conto em estudo, voltamos o olhar para o modo de vida da família, observamos como esta sente a doença da mãe, como se organiza o ambiente doméstico para comportar a enfermidade de um ente tão importante como a mãe e também como é descrito a forma como a menina, neste ínterim, fantasia romper com toda a dor que sente e aproveitar o carnaval de Recife. Observamos, incluindo a textualidade biográfica de Clarice, principalmente como os modos de construção de vidas para mulheres e para homens foram feitos e como Clarice, na sua ficção, nos permite refletir sobre outras máscaras possíveis.

Tomando de empréstimo as palavras de Maria Elisa Cevasco no ensaio *O sentido da crítica cultural* (2008, p. 55), reconhecemos que “para esse tipo de crítica, a questão continua sendo a de entender para modificar, juntando a tarefa da filosofia, e hoje da teoria, de explicar o mundo com a cada vez mais urgente tarefa social de contribuir para mudá-lo”.

Embasando nas palavras de Cevasco, acredito que a obra de Clarice Lispector tem um caráter intervencionista. E a acepção de intervencionista que trago para esta discussão é

de fato a possibilidade de intervir no meio sociocultural para através desta fazer com que as mudanças almeçadas sejam verdadeiramente realizadas. E quais são transformações a que me refiro? Estas mutações estão no âmbito do gênero, do processo de identidade e da prática da alteridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, buscamos demonstrar como a fantasia perpassava o conto clariceano *Resto do Carnaval*, assim, pode-se perceber que esta fantasia não se tratava meramente a uma fantasia feita com sobras de papel crepom, mas que iria muito mais além. Uma vez que, Clarice Lispector, é uma escritora plural que escreve nas entrelinhas nos possibilitando leituras múltiplas sobre os seus escritos.

A intenção de trabalhar com a escritora, que por muitas vezes já fora discutida nos meios acadêmicos, tornando-se um cânone, é ressaltar não apenas as políticas de classe, mas sim as políticas das subjetividades que trago no decorrer desta escrita. É pertinente salientar que as ideias trazidas a respeito da fantasia no conto clariceano não estão presentes somente no campo literário, mas também pode ocorrer com cada um de nós, visto que, qualquer ser humano pode assumir identidades diversificadas como nos apontam Hall e Bhabha.

É importante também, abordar ainda que as análises aqui propostas não são de ordem determinista, o que intentamos demonstrar por meio do artigo é que passagens do conto em estudo que rememoram a infância de Clarice Lispector podem ser inferidas como recortes de sua vida, inclusive em Recife e para tanto nos respaldamos nos críticos biográficos utilizados.

No que se refere ao gênero, enfocando o conto *Restos do Carnaval*, destacamos um lar permeado pela figura feminina e como esta é importante para a consolidação de uma família, mas, sobretudo, na concretização de uma sociedade. Demostramos também o quanto é importante se discutir gênero como algo que é construído historicamente e não biologicamente, justamente por que esta naturalização tem promovido dores, pesos e

violências, inclusive sexuais. Para tanto, tomamos como base teórica Joan Scott e Simone de Beauvoir.

Ademais, trazemos, neste momento, para este estudo, algumas provocações que, é necessário dizer, não temos respostas para elas, todavia estamos utilizando-as como forma de levar o público leitor a refletir sobre as seguintes questões: Como a literatura clariceana, especialmente os contos, estão sendo trabalhados nas escolas de ensino médio? Quais são os meios de circulação da obra clariceana?

Pensando no âmbito escolar e na importância de Clarice Lispector, consideramos necessário levantar estas provocações, a fim de que, como educadoras e educadores, possamos utilizar a autora em estudo para fazer com que os discentes tenham-na como uma forma de agenciamento, de se discutir questões referentes à identidade, alteridade, subjetividades, gênero, dentre outras, que permeiam o universo escolar. Ou seja, questões que provocadas, neste caso, pela leitura de Clarice, contudo, por vezes, são deixadas de lado em nome de uma educação que, algumas vezes, não faz com que as alunas e os alunos reflitam sobre o que foi discutido em sala e, com isso (re) pensem suas subjetividades e idiossincrasias e não tenham, simplesmente, uma nota aprovativa no final do ano letivo que não fomentou no corpo discente novas formas de pensar e agir.

Para Maria José Somerlate Barbosa em *Clarice Lispector: des/afiando as teias da paixão* (2001), “Lispector examina a linguagem, dilemas existenciais, divisão de classes, problemas raciais e conflitos entre os sexos como intersecções de um mesmo discurso social”. Assim sendo, observo que a escrita clariceana tem um enfoque biográfico como também perpassa pelo viés da crítica cultural, levando em consideração os liames feitos a partir do conto selecionado e as análises biográficas e do campo da crítica cultural.

Utilizamos a literatura de Clarice Lispector, neste estudo, para que esta seja uma forma de fomento das reflexões de questões-situações que permeiam o cotidiano e que, muitas vezes, ficam silenciadas por uma sociedade (ainda) montada por um regime patriarcal. Intentamos, dentre o que já foi discutido, fazer com que uma máquina revolucionária seja posta no campo de batalha, um campo que é literário, cultural, feminista, ideológico e político.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria José Somerlate. **Clarice Lispector: des/fiando as teias da paixão**. Coleção Memória das Letras 8. Porto Alegre: EDIPCRS, 2001.
- BHABHA, Hommi K. **O local da cultura**. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BEAUVOIR, Simone. **Segundo Sexo**. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.
- CEVASCO, Maria Elisa. O sentido da crítica cultural. In: **Revista Cult**, pp. 54-58, 2008.
- GOTLIB, N. B. **Clarice: Uma Vida que se Conta**. São Paulo: Ática, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001. HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- IANNACE, Ricardo. **A leitora Clarice Lispector**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MANZO, Lícia. **Era uma Vez: Eu. A não-ficção na obra de Clarice Lispector**. Juiz de Fora, Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2001.
- MERCER, Kobena. **Marginalization and contemporary cultures**. Ney York: Cambridge, 1990.
- MOSER, Benjamin. **Clarice**, . São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- NOLASCO, Edgar César. **Restos de ficção: a criação biográfico - literária de Clarice Lispector**. São Paulo: Annablume, 2004.
- SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica**. Tradução Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1989.

Recebido: 17/09/2011

Aceito: 05/10/2011